

O NOVO E O VELHO PERPASSANDO A RELAÇÃO NA EDUCAÇÃO: ENTRE ESCUTAS E OBSERVAÇÕES A PERCEPÇÃO JOGADA AOS OLHOS

Camila Lopes Soares *

Lucieli Mai Saifert **

Camilla Baldicera Biazus ***

Izaque Machado Ribeiro ****

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise e reflexão sobre uma intervenção escolar realizada em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, a partir de uma disciplina do curso de Psicologia que possibilitou pensar a relação professor-aluno, bem como outras questões que permeiam o espaço educacional. Neste sentido, foi possível perceber que a relação professor-aluno estava atravessada por questões não só escolares e de ensino-aprendizagem, mas por questões socioculturais, principalmente o processo de adolecer e envelhecer, e relações intergeracionais. Buscar-se-á no decorrer desse percurso analisar essas questões, mobilizando as noções de “novo” e “velho” como parte de um mesmo processo no âmbito da educação. Procura-se suscitar, então, uma relação em que sujeitos possam costurar entre o velho e o novo dentro de um movimento pendular que possa desenlear e (re)costurar cada nó que gere sofrimento. Encontrar-se em meio a uma costura ao invés de alfinetarem-se, sentir o agora enquanto se conhece o tradicional e o contemporâneo – um possibilitando a existência do outro. Assim dentro de um espaço permeado por diferentes singularidades torna-se possível construir uma história (encontrar-se) a partir de uma história que já está dada (o desencontro entre o velho e o novo).

Palavras-chave: Relação. Adolescente. Educação. Intergeracionalidade.

* Graduando em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago; E-mail: camila.lopes95@hotmail.com

** Graduanda em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago; E-mail: lucieli.saifert@hotmail.com

*** Mestre em Psicologia Clínica pela Unisinos, Doutora em Linguística pela UFSM e Docente do Curso de Psicologia da URI - Campus Santiago. E-mail: camillabiazus@yahoo.com.br

**** Mestre em Psicologia Social pela UFRGS, Professor do Curso de Psicologia da URI - Campus Santiago e Coordenador do Núcleo de Capacitação e Estudos do Processo de Envelhecimento – NUCEPE. E-mail: izaqueribeiro@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise e reflexão sobre uma intervenção escolar realizada em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, a partir de uma disciplina do curso de Psicologia que possibilitou pensar a relação professor-aluno, bem como outras questões que permeiam o espaço educacional. Neste sentido, foi possível perceber que a relação professor-aluno estava atravessada por questões não só escolares e de ensino-aprendizagem, mas por questões socioculturais, principalmente o processo de adolecer e envelhecer, e relações intergeracionais. Buscar-se-á no decorrer desse percurso analisar essas questões, mobilizando as noções de “novo” e “velho” como parte de um mesmo processo no âmbito da educação.

O espaço escolar é um lugar de encontros e desencontros de diferenças, singularidades; ideias, ideais, identidades e idades que se aproximam e se distanciam em um movimento que por mais plural que possa ser sempre apresentará suas particularidades. Assim, refletir sobre a educação é diferente de buscar entrar nos seus territórios e vivenciar a reflexão fazendo parte desse contexto, se afetando e afetando esses encontros e desencontros. Dessa forma, este estudo busca (com)partilhar a experiência/vivência de “entrada” da psicologia em uma instituição de ensino sem protocolo normatizado ou manual para ser seguido, mas a partir de um movimento cartográfico, que diferente de um mapa tradicional mostra territórios em constante constituição e possibilita àquele que se aventura, no seu fazer, criar um roteiro próprio para conhecer, descobrir, explorar novos ou velhos lugares (ROLNIK, 1989).

Com isso, acredita-se que mesmo estando em territórios já conhecidos e familiares (“velhos”) dentro da educação, é possível à psicologia apresentar diferentes arranjos e paisagens desde que a psicologia não se coloque a parte daquilo que se busca analisar, mas sim se envolva, se implique e vivencie esses espaços. Nesse sentido, pensa-se que a relação entre a psicologia e a educação possa ser vivenciada a partir de um movimento de cartografar que, segundo Amador e Fonseca (2009, p.36) pode ser comparado ao processo de tornar-se borboleta, pois “é preciso entrar no invólucro e com ele transmutar, libertando-se a si e à crisálida, restituindo ao movimento do mundo sua mobilidade, à mudança sua fluidez, ao tempo sua duração”.

O movimento cartográfico que deu forma a essa experiência/vivência entre a psicologia e a educação mostrou o quanto as noções de “novo” e “velho” permeiam as

relações entre esses dois campos do saber e os conflitos e questões que envolvem hoje a educação.

A psicologia ainda é vista pela educação como uma profissão que dará conta de resolver/solucionar conflitos e a educação ainda é percebida pela psicologia como uma área secundária de atuação, espaço sem muitas possibilidades de intervenção. É o velho, a história significando/delimitando o novo, o atual.

Inicialmente a escola onde foi realizada a intervenção, deixa espaço livre para que a psicologia possa ter uma relação de parceria com o trabalho da instituição, porém tem algumas demandas iniciais para serem “resolvidas”. Diante desse primeiro pedido percebe-se uma imposição sobre o corpo discente de um objetivo/desejo que é do corpo docente e da instituição, que de alguma forma parece adoecer a relação, esta que já enfrenta dificuldades devido a questões intergeracionais.

Questiona-se então, como se daria uma relação em que se impõe algo sobre o outro, sem ouvi-lo ou buscar saber o que deseja. Há, ainda, questões que são silenciadas e mal resolvidas causando um mal-estar evidente. Assim, pensa-se como estão, na atualidade, os alunos e os professores. Seriam alunos contemporâneos e professores tradicionais?

Ao entender que a longevidade teve uma crescente nos últimos tempos, pode-se perceber que dentro do espaço escolar, ainda existem alguns professores com métodos de ensino-aprendizagem tradicionais (hierarquizados) que estão enraizados, recebendo alunos “contemporâneos”. Esses alunos atuais possuem maior liberdade, acesso a tecnologias mais desenvolvidas, buscam o diferente e desejam colar-se a novos modelos com quem procuram identificar-se, sendo que, no espaço escolar quem estaria dentro deste diferente seriam professores mais jovens, abertos ao novo.

1 Desenvolvimento

Falando em história, todo espaço/lugar traz a sua. Questionar o lugar do velho e do novo na educação, também é pensar de que forma aquela instituição escolar surgiu, qual é o “velho” que sustenta aquele lugar.

A Escola em questão foi fundada pelo governo municipal em 1949, nomeada como um “Grupo Escolar” e localizava-se onde atualmente é uma oficina. No ano de 1963 o vice-prefeito da cidade entregou o prédio atual da escola e logo após, em 1977, ela passou a ser considerada como uma “Escola Estadual”.

O atual Projeto Pedagógico da escola traz uma filosofia que buscam seguir:

Educar visando a formação integral do ser humano como cidadão crítico e responsável, comprometido com a construção de uma sociedade democrática, libertadora, solidária e popular em que todas as pessoas vivam com dignidade e respeito, agindo coletivamente em busca do bem comum. (OSÓRIO, 2013)

Neste projeto pedagógico encontram-se fatores da vida social que interferem no desenvolvimento do trabalho da escola, como por exemplo, “concentração de renda em uma minoria da população; descaso com os recursos naturais em favor da coletividade; concentração do poder político em favor dos interesses individuais, ficando em descaso a coletividade; avanço das tecnologias incentivando o consumo; desvalorização dos profissionais da educação; diversidade de taxas tributárias, nem sempre revertendo em benefício para a população; exemplos de impunidade (pelos políticos corruptos); violência crescente; falta de comprometimento dos pais com a educação dos seus filhos, que transferem sua função para a escola; sexualidade precoce; desemprego; prostituição de menores; falta de controle sobre as drogas na sociedade; a infância corrompida.” (OSÓRIO, 2013). A escola trabalha com alunos da educação infantil até o ensino fundamental, ou seja, até o nono ano.

Como método inicial desta intervenção é preciso que se conheça o local de trabalho, de forma que se possa visualizar os possíveis campos de atuação que provavelmente estariam necessitando de olhares. Problematicar campos que estavam invisíveis, desaparecidos, esquecidos ou deixados de lado pela própria instituição. Utiliza-se então o método da análise institucional, que como enuncia Baremblyt (2002), tem a autoanálise e autogestão como objetivos básicos. Este método ainda tenta olhar os movimentos invisíveis que institucionalizam as relações, estagnando-as, sendo assim, o psicólogo provoca movimentos contraditórios entre o velho e o novo, entre a história e a sua possibilidade de abertura e (re)significação e entra nestes espaços institucionais como “um provocador de rachaduras e rupturas na burocracia das relações instituídas” (GUIRADO, 2009, p.325).

A partir desse modo de intervenção, entramos nesta instituição escolar buscando como analisador a relação professor-aluno, e com a produção de dados – feito através de observações, conversas e escutas em grupo – pode-se ver que haviam questões mais específicas que atravessavam as relações e mereciam ser (re)vistas, como por exemplo, a intergeracionalidade, questões da adolescência e processo de envelhecimento. Sendo assim, diante da crescente longevidade em que o país se encontra, as instituições escolares deparam-se constantemente com “uma sociedade intergeracional, na qual o envelhecimento

populacional é fato, a longevidade uma conquista e a intergeracionalidade inevitável” (SENA, 2011, p. 34).

O velho e o novo no espaço dessa escola mobilizava também a diferença de idade, de interesse, de objetivos. De um lado o velho significando o ultrapassado, as didáticas tradicionais e estanques ainda utilizadas em sala de aula, os professores antigos que não se atualizaram e continuam idealizando os tempos passados. De outro lado, o novo, representado pelos adolescentes, pela fome pelo diferente. O novo faz questão de apontar para o velho que não há mais lugar para o mesmo, para aquilo que se repete. Mas tirando do velho o lugar de existir, o novo violenta e exige o inédito sem reconhecer que é só a partir da memória/da história que ele pode surgir.

No contexto estudado, a intergeracionalidade parece ser uma dimensão importante no que tange às relações que ocorrem entre professores e alunos, contudo, talvez possamos analisar que outras dimensões compõem este território escolar e que contribuem, muitas vezes, para práticas mais ou menos enrijecidas. Um ponto importante a considerar na trama da intergeracionalidade é o lugar instituído que o sujeito velho ocupa na sociedade, isto é, tradicionalmente como sendo aquele que é improdutivo - que não serve, está ultrapassado - em relação ao mundo do trabalho, condição esta que apareceu na visão que muitos alunos tinham acerca dos professores mais velhos.

A intergeracionalidade, assim como a sociedade contemporânea, apresenta-se dentro do espaço escolar como um movimento instituinte – gerando questionamentos sobre as questões já instituídas. Porém, temos uma relação aluno-professor e métodos tão enrijecidos que quando o novo chega gera um mal-estar evidente que acaba adoecendo toda a instituição. Dessa forma, as relações não se encontram, mas se conhecem, apenas. Sendo que o encontro se dá quando é possível sentir o que há no “entre”, enquanto a maneira instituída do conhecer está relacionado apenas com viver imparcialmente, sem trocas - saber o que está dado - mas não mais senti-lo (SAFRA, 2004 apud FLORENSKI, 1996).

Na instituição escolar o adolescente-aluno e o sujeito mais velho-professor, ambos em seu processo de envelhecimento, (com)partilham de frustrações, desejos, sentimentos que os atravessam diariamente, subjetividades que se (des)encontram. O adolescente, que está em um momento de mudanças, (des)identificações e transformações, espera encontrar alguém para seguir como modelo, ou como nos apresenta Levinsky (2009, p. 73) fazer uma “destruição da cultura anterior para modernizá-la com novos valores”. Enquanto que o sujeito

mais velho, com sua bagagem de experiências e vivências busca ser modelo, ensinar a seu modo, pois dentro de uma cultura sócio-histórica ele estaria dotado de sabedoria.

Pensar a relação professor aluno dentro destas especificidades é pensá-la atravessada por duas gerações diferentes que vivenciam, juntas, um mesmo processo de envelhecer, cada uma a seu modo. Adolescer e envelhecer implicando em processos de perdas, ganhos, elaborações, não como uma série rígida e contínua, mas um momento em que o sujeito possa ser por vezes adulto, criança ou por vezes estar no “entre”. Sendo possível existir, então, dois sujeitos que se encontram e trocam, não pelo simples fato de ensinar-aprender, mas por pura implicação com/no espaço em que (con)vivem.

O professor, tanto pode ser quem o aluno quer se identificar quanto aquele que não deseja, como nos apresenta Fernandes (2012, p.27) “A adolescência é considerada a fase de passagem de um círculo social restrito e primário – a família – para um universo social muito mais amplo e secundário – o mundo todo.” Logo, o movimento para a saída desse mundo primário, às vezes, pode ser desconcertante e desequilibrado, promovendo algumas atitudes que, quando vistas por alguns professores, tornam a relação um pouco mais fragmentada, já que não vai de encontro com os princípios de uma geração mais conservadora e rígida.

Diante de tanta mudança causadora de desequilíbrio, o professor muitas vezes se sente atacado, e conseqüentemente reage às investidas do adolescente. Nesse desencontro, a fragmentação da relação pode causar danos perigosos. Já que, como nos apresenta Outeiral (2003, p.65) “A organização da identidade é um processo que, como os demais acontecimentos da adolescência, se dá com ‘turbulências’, com ‘idas-e-vindas’, provocando a perplexidade e confusão em adultos”.

É importante salientar que estas identificações, trazidas anteriormente, “precisariam” estar perpassadas por (re)construções, estas que seriam necessárias para possibilitar uma relação entre um sujeito – adolescente – que traz inúmeros questionamentos provocadores de rachaduras nos processos instituídos e de outro sujeito – mais velho – com processos instituídos já enraizados em si. Um querendo abrir brechas nos modelos ensino-aprendizagem e outro dizendo que as coisas não mudam, elas são assim. Contudo, isso faz com que a relação adoeça impossibilitando o estabelecimento do vínculo e de uma cumplicidade necessária para as trocas, de encontro a isso Ferreira e Silva (2012, p.34) nos apresenta que

Quando ocorre o desinteresse progressivo pela busca de novos aprendizados em virtude dos insucessos ou das sucessivas desvalorizações durante a vida, a balança

entre perdas e ganhos acaba ficando desequilibrada ao ponto de estreitar o interesse por novos aprendizados.

A partir da conversa entre as práticas curriculares e os autores mencionados é possível perceber que a relação intergeracional que se dá entre professor e aluno passam por dificuldades e precisam ser problematizadas em direção à busca de novos caminhos (instituintes). A instituição escolar recebe além de sujeitos, movimentos contemporâneos e tradicionais que não se encontram, mas se defrontam.

2 Análise de dados

Diante da situação problema que é como se da a relação professor aluno, atravessada por aspectos socioculturais e intergeracionais, dentro de uma escola do município do Rio Grande do Sul, realizamos momentos para produção de dados.

Torna-se explícito inicialmente as reclamações dos alunos em relação à maioria dos professores. Segundo os adolescentes, grande parte do corpo docente continua fazendo as mesmas coisas, trazendo os mesmos métodos aos quais já estão adaptados. Questionam, ainda, o fato de não buscar novas metodologias de ensino que fuja das regras tradicionais.

Os alunos apresentam, então, duas imagens de professores, os mais velhos e os mais novos – o que diz, também, de uma relação intergeracional. Como, por exemplo, quando dizem: *“a gente agita na aula dos professores velhos, por que eles sempre fazem a mesma coisa”* e *“a professora que é mais nova traz atividades diferentes pra ensinar o conteúdo, e a gente consegue aprender”*. Dessa forma, fica claro as diferentes relações que existem entre professores novos com os alunos e dos professores antigos com estes mesmos alunos, duas relações opostas dentro de um mesmo espaço escolar.

Os adolescentes, ainda pedem para serem escutados, buscando um espaço em que possam se expressar e manifestar seus desejos e angústias, no sentido de serem (re)conhecidos e encontrados pelos professores. Falam, ainda, de um mal estar sempre se referindo à relação com estes professores mais velhos. Mostram uma abertura para modificar esse espaço de conflito, mas encontram dificuldade em reconhecer esse desejo por parte dos professores. Isso pode ser visto através da fala: *“eles não se importam se a gente vai aprender ou se ‘vamo’ ficar em sala de aula, dizem que o dinheiro deles vai ‘tá’ garantido no fim do mês”*.

Entendendo-se que o lugar do professor tem implicações importantes nessas relações, buscou-se com o corpo docente o método da escrita para que eles pudessem expressar suas

realidades e sentimentos, participando efetivamente da pesquisa. Neste espaço, ao ser proposto a escrita como meio de comunicação aos professores, possibilitou-se que eles também pudessem refletir sobre sua implicação. As cartas não deveriam ter identificações e seriam colocadas dentro de uma caixa, na sala dos professores. Diante disso, apenas um professor escreveu, ainda com alguns dias de atraso, e visualizou-se uma resistência da maioria dos professores em comunicar-se sobre seus fazeres e suas relações. Percebe-se então, que existe uma relação barrada pela falta de comunicação, evidente na “não-escrita” do corpo docente, e na fala dos alunos: *“é impossível conversar com eles”*. Entrando, ambos, numa defensiva, queixam-se e culpabilizam o outro sobre o que está ruim.

Frente a “não contribuição” dos professores a orientadora pedagógica da escola sente necessidade de justificar o porquê isto aconteceu. Reconhece, assim como os alunos, que os professores mais velhos estabelecem uma relação diferente com aquele meio, estes que já estão adaptados aos conteúdos que lecionam, reproduzem sempre – e há muito tempo – a mesma maneira de dar aula e sentem-se incomodados ao serem questionados sobre isso. É notável que os processos de transformação da sociedade invadem o espaço da instituição escolar quase como um atropelo, “desestruturando” sujeitos que estavam firmemente apregoados a certezas, entende-se assim, o quão sofrido este movimento deve ser, causando inclusive o silêncio. Então sujeitos, professores e alunos, atravessados pelo novo e o velho, que não podem criar a sua maneira de ensinar e aprender a partir de sua singularidade, geram um espaço de conflito, em que surgem problemas e sofrimentos demasiados e sem “origem” específica, isto é, as relações estariam só ocorrendo em meio a culpabilizações.

Considerações finais

Claramente pode-se perceber que ambos os lados/gerações possuem atravessados em si um sofrimento. Não parece ser comum visualizar o adoecimento sem culpabilizar alguma parte. No entanto, é justamente o que tentamos suscitar na prática, entender que não há uma culpa a ser dada, mas sim, há uma relação que afeta diretamente cada uma das partes e que por ela é movida, mas sem um rumo específico, apenas no contato é que se estabelecem os traços.

Seria um erro grave caso quiséssemos julgar alguma parte. Ou ainda, que entendêssemos que apenas um lado possui o saber sobre o que se passa na relação (haveriam lados?). Contudo, há muitas outras variáveis em questão, que apenas entrando neste meio da

relação que poderemos visualizar e compreender. Aqui, o novo e o velho se cruzam a cada instante, mas agora não mais como fases distintas. O novo perpassa o velho principalmente quando se fecha em si mesmo impossibilitando a entrada de outras ideias. O velho se faz novo quando no ato de interagir busca se conectar ao que vem aparecendo.

Procura-se suscitar, então, uma relação em que sujeitos possam costurar entre o velho e o novo dentro de um movimento pendular que possa desenlear e (re)costurar cada nó que gere sofrimento. Encontrar-se em meio a uma costura ao invés de alfinetarem-se, sentir o agora enquanto se conhece o tradicional e o contemporâneo – um possibilitando a existência do outro. Assim dentro de um espaço permeado por diferentes singularidades torna-se possível construir uma história (encontrar-se) a partir de uma história que parece já estar dada (o desencontro entre o velho e o novo).

Dessa forma, a partir da própria trajetória que já construímos ao longo do percurso também se vê a possibilidade de repensar e de reconstruir a prática e a visão que se tem do psicólogo escolar/social que já é traçado por uma longa história, mas que necessita olhar de modos diferentes para as questões que acontecem no ambiente escolar, fazendo o mesmo movimento pendular para proporcionar a costura entre a psicologia escolar tradicional e a contemporânea.

“... um pensamento sobre a função da utopia vem, portanto, provocar a imaginação a abrir outros caminhos possíveis ao pensamento para que não fiquemos paralisados na obscuridade do instante” (Sousa, 2007, p.14).

Referências

AMADOR, F.; FONSECA, T. M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2), 2002.

FERNANDES, R. Representações Sociais de Adolescentes Escolares sobre Idoso e Velhice: subsídios para o cuidado clínico de enfermagem. Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <<http://www.uece.br/cmaccilis/dmdocuments/RAFAELLY%20FERNANDES%20-%20p%C3%B3s%20defesa.pdf>>. 2012.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. da. **Educação e Envelhecimento. Uma leitura da Educação e do ensino**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012.

GUIRADO, Marlene. **Psicologia Institucional**: o exercício da Psicologia como Instituição. São Paulo, Universidade de São Paulo - Interação em Psicologia, 2009,13(2), p. 323-333.

LEVISKY, D. L.; **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. 4. Ed. São Paulo: Editora Zagodoni, 2013.

OSÓRIO, C. Projeto Político Pedagógico. 2013.

OUTEIRAL, J. **Adolescer – Estudos Revisados sobre Adolescência**. Rio de Janeiro. 2ª edição Revisada, Atualizada e Ampliada. Livraria e Editora Revinter Ltda, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SAFRA, G. **A pó-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP. Ideias & Letras, 2004.

SENA, T. B. de. O envelhecimento na sala de aula: A importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. Revista Portal, n.15, Out. 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>.

SOUSA, E. L. A. de. **Uma invenção da utopia**. São Paulo. Lumme Editor, 2007.